

A GESTÃO DA CLASSE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Viana Patricio Barbosa Neto; e

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, vianapatricio@hotmail.com

Maria da Conceição Costa.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, ceicaomcc@hotmail.com

Resumo: Neste artigo, abordamos, por meio de um relato de experiência, a “*gestão da classe*”, termo utilizado por Gauthier (2013) para categorizar o controle e a organização que o professor tem da classe em relação ao favorecimento ordenado das atividades de ensino e de aprendizagem. Esse é um dos temas que estão mais presentes nos discursos discentes e docentes, sobretudo, quando esses indivíduos são questionados sobre os desempenhos das turmas. O relato de experiência aqui apresentado é o resultado de uma reunião pedagógica realizada no primeiro semestre letivo de 2016 no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, no campus Pau dos Ferros, a qual teve como fio condutor das discussões as estratégias que alguns professores se utilizam para gerenciar as turmas e as aprendizagens. Além de apresentada parte da descrição das discussões realizadas na reunião pedagógica através desse relato de experiência, tecemos uma análise dessas, tendo como parâmetro os conceitos já trazidos nas pesquisas de ensino de Gauthier (2013), Morales (2011), Meirieu (2006) e Perrenoud (1995). Dentro das falas dos professores, nós fizemos uma seleção dos assuntos e dividimos em 4 tópicos: “*O planejamento e as regras*”, “*Autoridade, disciplina e as necessidades dos alunos*”, “*Negociando com os alunos*” e “*A dinâmica do conteúdo e o clima da classe*”. Cada tópico desse não limita o assunto nem pretende esgotá-lo ou trazer generalizações aplicáveis a todas as realidades educacionais existentes, todavia segue uma sequência que busca traduzir e compartilhar parte dos saberes experienciais de alguns docentes que estão no dia a dia em sala de aula, auxiliando, assim, na reflexão da prática educativa e em novas compreensões e possibilidades para a atuação docente.

Palavras-chave: gestão da classe, relato de experiência, disciplina, autoridade, professor-aluno.



INTRODUÇÃO

Sejam professores novatos ou experientes, existem situações do processo de ensino-aprendizagem que ocorrem em sala de aula e que, mesmo com o passar dos anos, poucos conseguem transcendê-las no sentido de entendê-las e superá-las. A turma barulhenta, os alunos que não deixam a aula fluir, os alunos impossíveis e hiperativos. Não há aquele professor que tenha passado por uma sala de aula e não tenha, mesmo que inicialmente, questionado-se: “O que fazer para conseguir gerir essa turma?”, “Como ter a autoridade necessária para seguir meu plano de atividades e dar minha aula sem me tornar autoritário e sem me distanciar dos alunos?”. Esses são questionamentos que não são novos, pois, desde sempre, transitaram no movimento histórico da educação escolar e, ainda, transitam na trajetória profissional de cada professor, seja de forma consciente ou inconsciente.

O conjunto de saberes que o professor deve dispor nesse sentido de gerenciamento da turma está categorizado no que Gauthier (2013) denomina de “gestão da classe”. As variações de comportamento que acabam por influenciar no andamento da aula, a medida como o professor interpreta cada situação e age diante delas, está diretamente ligada à forma como ele relaciona-se com os alunos e conduz as atividades (MORALES, 2011). Segundo Gauthier, a gestão da classe vai depender do contexto, todavia, seus princípios podem ser aplicados a várias situações, nas quais a ordem mudará de acordo com as “atividades propostas, o tempo disponível, a organização material e social, assim como em função do padrão de comunicação privilegiado” (GAUTHIER, 2013, p.240).

A “gestão da classe”, quando analisada no que diz respeito à manutenção da ordem para a efetivação do processo de aprendizagem, acaba por nos remeter a questões como *indisciplina* e o *controle da turma*; que parecem estar diretamente relacionadas, mas que são diferentes em sua análise pela perspectiva do enfoque dado. Quando nos colocamos a estudar a indisciplina, partiremos para um plano que nos levará a obter mais compreensões acerca do comportamento do aluno, já quando o enfoque é dado ao “controle da turma” a perspectiva é alterada para o domínio, os saberes e as estratégias que os professores adotam frente à turma.

Neste estudo, intentamos analisar, através de um relato de experiência, as estratégias dos professores no que diz respeito à gestão da classe. Para isso, trataremos a problemática a partir da fala dos professores que trazem as suas perspectivas de atuações em sala de aula.

Escolhemos essa abordagem por compreender a importância de serem explorados e trazidos à tona os saberes experienciais docentes provindos de suas práticas, uma vez que estes saberes, quando divulgados, testados e pesquisados, servirão para a construção dos *saberes da ação pedagógica* (GAUTHIER, 2013).

2. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa, do tipo relato de experiência, que teve a técnica da observação direta utilizada. Segundo Lakatos (2010, p. 173), “a observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar”. Quanto às modalidades da observação, esta configura-se como não estruturada, participante, em equipe, efetuada na vida real (ANDER-EGG, 1978 *apud* Lakatos, 2010, p. 175). Este estudo também foi apoiado por um referencial bibliográfico, todavia, não partimos apenas da transcrição dos conceitos provindos das pesquisas de ensino sobre a “gestão da classe”, mas trouxemos as impressões, conclusões e sistematizações a partir da prática dos professores que estão no dia a dia em sala de aula. Fizemos, assim, uma triangulação entre os posicionamentos docentes – os nossos e os de alguns autores que já pesquisaram sobre a temática.

Os dados aqui trazidos surgem de um momento ocorrido em uma reunião pedagógica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - Campus Pau dos Ferros, no dia treze de julho de dois mil e dezesseis. Essa reunião pedagógica foi destinada para que fizéssemos – equipe-técnico pedagógica e professores – uma discussão sobre o desempenho qualitativo das turmas, referente ao primeiro bimestre do primeiro semestre do ano letivo de dois mil e dezesseis.

Diante das demandas que, no dia a dia, nos foram encaminhadas, tanto por parte dos alunos, como por parte dos professores, nós, da equipe-técnico pedagógica, já havíamos elegido a temática “gestão da classe” para que fosse trabalhada na referida reunião.

Sendo assim, no dia da reunião, os professores foram divididos por área de conhecimento em 3 grupos; aqui, relataremos apenas as experiências compartilhadas por um desses grupos, no

qual pudemos conduzir a mediação e traçar como fio condutor das discussões a temática que havia elegido.

A atividade desenvolveu-se no mini auditório, onde as cadeiras estavam dispostas em forma de círculo. No momento inicial, tinham 13 professores, depois chegaram e saíram outros professores, e, ao final, manteve-se uma média de 15 professores presentes. Inicialmente, falamos que estávamos trazendo um tema – “a gestão da classe” – para que fosse discutida após a atividade proposta, que seria a análise qualitativa de todas as turmas por parte dos professores. Mas, ao iniciarmos as discussões sobre as turmas, de imediato os discursos se voltaram para o comportamento dos alunos e da turma, que foi inicialmente classificada por uma das professoras presentes como “barulhenta” e os alunos como “inquietaos, cheios de energia”, etc. Então, envolvidos pelos debates, que seriam a pauta posterior, resolvemos dialogar e aprofundar as reflexões logo neste momento.

A mediação foi feita no sentido não de ouvir apenas as problemáticas existentes, mas de ouvir o que os professores faziam para contornar as situações. E, então, foi lançada a pergunta: “Quais as estratégias que vocês se utilizam para conseguir gerenciar a turma?”. E, em seguida, foi solicitado que cada um contasse um pouco de sua experiência em sala de aula sobre como lidava para conseguir gerir a turma e as aprendizagens. Durante as falas, foram feitas algumas mediações no sentido de avançar nas reflexões e nas problemáticas utilizando-se de alguns conceitos teóricos anteriormente estudados por nós e que aqui serão expostos.

Para dar prosseguimento a este estudo dividimos as observações anotadas de acordo com as falas dos professores e de acordo com os conceitos teóricos implicados a estas; dividimos em alguns tópicos de análise que serão trazidos abaixo para o desenvolvimento da nossa discussão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O planejamento e as regras.

A partir daqui, iniciaremos o relato da experiência anteriormente citada, mas existe uma explicação que faremos antes de iniciar a discussão, que é sobre uma das professoras que estava neste encontro.

Entre conversas com alguns alunos na reunião de líderes de turma, que é uma reunião feita com os representantes de cada classe mensalmente, muitas de suas falas giravam em torno de

“minha turma anda muito barulhenta”, “não conseguimos assistir à aula”, “o professor não consegue dar aula, pois é muita conversa”. E, então, por ter despertado o interesse sobre o assunto e por tentar compreender um pouco mais, indagamos a eles: “Não existe nenhum professor que consiga dar aula, e administrar essas conversas?”. Pude ouvir alguns nomes, mas, dentre eles, dois nomes ficaram evidentes na maioria de suas falas: o da professora que aqui chamarei de *Joana* e de outro professor que não estava nesse grupo da reunião pedagógica que abordaremos nesse relato.

Voltando ao relato, propositalmente quando iniciamos o debate, perguntamos à professora *Joana*, que se fazia presente, quais estratégias ela utilizava para gerenciar as suas turmas, e logo no início de sua fala ela nos trouxe que procurava “*diminuir a aflição dos alunos*”.

Joana disse que trazia, no início de cada bimestre, a ementa do que seria trabalhado nas aulas naquele período, e trazia as datas e prazos para cada atividade que seria proposta. E o mais importante, que fazia cumprir todo o cronograma apresentado e as regras estabelecidas.

“As primeiras semanas do ano letivo são críticas, pois é quando os professores tentam prevenir os problemas de gestão, adotando e comunicando regras e procedimentos” (GAUTHIER, 2013, p. 244)

Para *Joana*, quando o aluno sabe o que vai fazer e até quando deve fazer, a aflição dele diminui. Assim, ela planeja e socializa todo o seu planejamento com os alunos estabelecendo como será “o jogo e quais as regras”. Além de tentar “diminuir a aflição dos alunos”, *Joana*, ainda no início de sua fala, deixou claro que busca, desde o início, transparecer a forma como trabalha, meio que estabelecendo as regras de como serão as aulas.

Gauthier (2013), resgatando o estudo de Brophy (1983), nos coloca que:

O planejamento da gestão da classe começa não somente com o trabalho de preparação, antes do início do ano letivo, mas também com o estabelecimento e a comunicação de regras, de procedimentos, de relações e de expectativas diante dos alunos, assim que o ano se inicia.

(GAUTHIER, 2013, p. 241)

Visualizamos, assim, tanto no que é apresentado por Gauthier, como pela professora *Joana*, a importância do planejamento e da comunicação das regras para o favorecimento da gestão da classe.

Morales (2011), no que diz respeito especificamente ao primeiro dia de aula, vai nos trazer que é preciso ter clareza e planejamento do que vai ser levado para os alunos, e que, além de serem

abordados os aspectos da matéria e de sua importância, o programa, as normas, é preciso, nesse momento, já estabelecer uma “*boa relação motivadora*”.

Joana não chegou a comentar o que faz efetivamente para manter a ordem, pois disse que sentia dificuldade para expressar como fazia ao certo para que existisse o controle da turma, mas deixou marcado em suas falas a disciplina que ela tinha para com o cumprimento do planejamento e as regras estabelecidas e que transmitia isso aos seus alunos. Tardif (2002) traz que os professores, muito embora tenham adquirido a experiência do saber-fazer, muitos deles não conseguem expressar esse saber. Acreditamos que isso deva se dar devido à complexidade de variáveis (ZABALA, 1998) que envolvem as situações de ensino, e que não são facilmente resolvidas com uma ação ou um saber, mas por múltiplos saberes que envolvem cada situação.

Mas, mesmo *Joana* dizendo que não sabia ao certo o que fazia efetivamente, entre suas falas fica claro a disciplina que ela não só transmite e exige, mas vivencia-a com seus alunos e com isso passa a ensinar além do conteúdo, a disciplina comportamental através do exemplo que ela dá aos seus alunos.

Joana ainda chegou a comentar que seus alunos, nos primeiros meses com ela, chegam a considerá-la como uma “sargento”. E ela mesmo comentou que, no início, procura realmente estabelecer um pouco menos de flexibilidade para com as regras, mas que, com o passar do tempo, já se percebe mais flexível, e que os alunos percebem isso também.

Na reunião de líderes que citamos no início, alguns dos alunos comentaram sobre esta postura da professora. Os novos alunos disseram que ela era “exigente”, e os mais experientes disseram para os novatos que ela – *Joana* – era uma professora excelente, que no começo era meio “durona”, mas que, com o tempo, eles iam aprender a gostar dela, e que hoje, eles – os alunos experientes - a tinham como uma de suas melhores professoras.

E, por mais duvidoso e curioso que pareça, dentre os discursos dos alunos, como percebidos em nossa experiência e na pesquisa que Morales fez com cerca de 1.663 alunos, eles citam como uma característica do bom professor aquele que consegue controlar a turma:

São muitos os estudos e pesquisas realizados sobre as características do professor ideal segundo os alunos. Desse tipo de estudo emergem duas grandes categorias de traços ou condutas: alguns dizem respeito à competência do professor para ensinar, controlar a classe; outros, ao seu relacionamento com os alunos (MORALES, 2011, p. 31)

Ou seja, conforme Morales nos apresenta e como percebemos são os nossos próprios alunos que estão a nos dizer “professor para você ser bom, é preciso controlar a turma”. Essa consideração fica marcada na fala de vários alunos nos conselhos de classe e nas reuniões de líderes, principalmente nas turmas dos anos iniciais do ensino médio.

Nesta reunião a fala de *Joana* se estendeu por variados momentos, mas outros professores foram retomando a fala e se posicionando.

3.2 Autoridade, disciplina e as necessidades dos alunos

Uma das professoras, que aqui chamaremos de *Sandra*, e que estava presente na reunião que estamos relatando, inicialmente nos trouxe que, em determinada turma, tinha alunos que não conseguiam ficar parados, que, às vezes, eram muito dispersos e que conversavam bastante na sala de aula e que, às vezes, era difícil conseguir dar a aula. Como já vimos anteriormente, essa é a problemática a qual estamos tratando neste estudo, e foi inclusive a partir da fala dessa professora que resolvemos abordar a pauta que seria trazida posteriormente.

Alguns professores geralmente ficam presos a essa contradição: “Como ser um professor amigo dos alunos sem perder a autoridade?”. Realmente é uma questão que não é fácil, como não ser aquela figura imperadora que os alunos procuram desviar quando encontram no corredor, sem, contudo, perder o controle da sala de aula?

A autoridade diferencia-se do autoritarismo, na medida em que este é percebido como uma forma unilateral de regras e comandos, quando o que se busca, na maioria das vezes, é objetivado sem a percepção das necessidades do outro que está na condição subordinada estabelecida no relacionamento. Já a autoridade está instanciada por uma construção coletiva que não se estabelece através de imposições, ordens e determinações, mas que é conseguida através de um processo de conquista da confiança daqueles que estão subordinados às regras e não à vontade de quem as estabelece. A autoridade nunca poderá ser estabelecida com vistas à satisfação pessoal, mas sim no sentido de se conseguir a disciplina necessária para a organização e execução das atividades. Sim, disciplina.

Não conseguiremos ensinar se não fizermos da disciplina na sala de aula um *problema nosso* o problema da organização de um espaço e de um tempo socializados para possibilitar a transmissão dos saberes; o problema, pensado e debatido progressivamente com os alunos, em função de sua idade e de seu nível

de desenvolvimento, das condições que devemos criar para aprender juntos...
(MEIRIEU, 2006, p. 65)

A autoridade é importante em quaisquer instâncias em que se precise de delimitações de regras e o cumprimento destas, e como já vimos, a sala de aula é um espaço em que é preciso a utilização de regras e, portanto, a autoridade do professor que é aquele que gerencia a condução do processo de ensino-aprendizagem.

Um bom relacionamento entre professores e alunos não pode ser confundida com a falta de autoridade. Mas, de certo, o nível da autoridade estará vinculado ao bom relacionamento estabelecido entre estes.

No caso da professora *Sandra*, que disse que, às vezes, não conseguia dar sua aula, podemos considerar que, claro, hão de haver dias em que os alunos estarão mais dispersos ou entusiasmados com algo e, portanto, mais enérgicos, mas, se isso acontece com frequência, percebemos que há um problema de autoridade e de falta de diálogo.

Quando são manifestados comportamentos perturbadores nas turmas, Gauthier (2013) nos traz, nas suas pesquisas de ensino, que “os bons gestores de classe conversam em particular com os alunos que estão perturbando, a fim de evitar conflitos de poder, e se informa sobre o nível de consciência deles em relação aos erros cometidos” (p. 265).

A professora *Joana*, em outro momento, nos trouxe exatamente esta proposição que Gauthier coloca. Ela nos disse que evita ao máximo colocar o aluno para fora de sala, e que, sempre que preciso, conversa em particular com o aluno, estabelecendo, assim, um relacionamento dialógico com o aluno, fazendo-o perceber a sua atitude.

Já o professor *Lázaro*, também presente na reunião, comentou que, no começo de sua prática, teve certas dificuldades, mas que, hoje, ele estabelece também uma dinâmica muito franca e dialogada com os alunos, na qual, ao final de cada período, ele faz, junto com os alunos, uma avaliação de como tem sido as aulas, o que está acontecendo, o que pode melhorar por parte de ambos, tanto da parte dele, como da parte dos alunos. E que tem percebido que esta dinâmica tem auxiliado bastante.

Ou seja, percebemos uma relação bastante produtiva e não autoritária, onde o professor coloca-se ao lado do aluno, para juntos verificarem o que pode ser melhorado. Essa preocupação do professor demonstra uma excelente maneira dele perceber as necessidades dos seus alunos.



Não é uma má ideia para se levar em conta: os alunos têm *necessidades*, embora não tenham uma consciência clara delas e não as expressem, e até presume não tê-las. Nós professores, seremos eficazes na medida em que levarmos em conta essas necessidades. Essas não podem reduzir-se à necessidade de ser aprovado na matéria; é algo mais profundamente humano” (MORALES, 2011, p. 53)

3.3 Negociando com os alunos

O professor que aqui chamaremos de *Leopoldo* iniciou sua fala trazendo um pouco de sua experiência, disse que, nos anos iniciais de sua prática docente, ele tinha muitas dificuldades em lidar com a disciplina da turma, que não conseguia dar aula se não tivesse todo mundo em silêncio, mas que, com o tempo, foi aprendendo a *negociar com os alunos*, estabelecendo momentos que eles poderiam conversar, usar o celular, etc., como, por exemplo, “na hora da chamada”, e os momentos que precisariam estar concentrados na aula.

Uma das coisas que temos trazido para o nosso discurso, enquanto mediadores deste processo, é justamente a negociação entre ambos: professores e alunos. Não podemos ignorar que esta é uma relação onde temos seres humanos e interesses distintos.

Para tanto, precisamos, como em quaisquer relacionamentos, saber a hora de ceder, ser flexível, e mais ainda, na posição de professor, saber que isso se faz preponderante para um bom relacionamento com os alunos.

Perrenoud (1995) vai nos trazer que os alunos criam estratégias para com as regras que são delimitadas, a fim de proteger seus interesses “e a sua liberdade contra as exigências dos adultos e, em particular, dos professores” (p.118). Assim, se o professor estabelece regras que são totalmente rígidas e não sabe negociar com os alunos, o seu trabalho provavelmente não caminhará por vias de um relacionamento pacífico com os alunos, muitas das vezes proporcionando um relacionamento desgastante e conflituoso.

3.4 A dinâmica do conteúdo e o clima da classe

Após a fala de outros professores, a professora *Bruna* comentou que se utilizava de algumas estratégias que favoreciam a dinâmica do trabalho dela em sala de aula, dentre as quais ela citou o portfólio, que, segundo *Bruna*, é uma forma de reunir várias atividades que os alunos criam e desenvolvem durante um período de tempo. *Bruna*, assim como *Joana*, disse, ainda, que gostava de

colocar os alunos para produzir em sala de aula, que achava muito interessante que eles se utilizassem do tempo em sala não apenas para aprender conceitos, mas também para aprender produzindo, e que essa era uma das formas que encontrava para conduzir e gerenciar o comportamento da turma nas aprendizagens.

“Parece que estou me lembrando que, um dia, bem no início de minha carreira, um aluno particularmente difícil, que eu tinha chamado no fim da aula, alertou-me com a maior espontaneidade: ‘A gente seria mais obediente se trabalhasse de verdade na sala de aula’” (Meirieu, 2006, p.65).

Meirieu (2006) tece essa narrativa ao abordar a questão da importância do “verdadeiro trabalho” para a conquista da disciplina em sala de aula. Nesta parte, Meirieu cita um trecho de Deligny (1996), que achamos interessante neste contexto:

É preciso saber o que você quer. Se quer ser amado por eles, traga-lhes bombons. Mas o dia que vier de mãos vazias, eles dirão que você é um grande sacana. Se você quer fazer seu trabalho, traga-lhes uma corda para esticar, madeira para cortar, sacos para carregar. O amor virá em seguida, e essa não é a recompensa.
(DELIGNY, 1996, p.20 apud MEIRIEU, 2006, p. 65)

Meirieu (2006) vai trazer assim a ideia de se trabalhar com projetos:

É na concepção de projetos e na definição de tarefas que se fazem emergir progressivamente os modos de funcionamento que estruturarão a sala de aula. E é fazendo respeitar, com o tempo, esses modos de funcionamento que se permitirá aos alunos abandonar o mundo da satisfação imediata para entrar em um universo onde as pessoas se envolvem, constroem e aprendem. (MEIRIEU, 2006, p. 65)

Essa proposta de se trabalhar por projetos que Meirieu nos apresenta, é uma das metodologias ativas que coloca o discente em uma dinâmica de interação com o conteúdo, na qual sua aprendizagem alcança outros patamares e níveis de compreensões, na medida em que estes não aprendem apenas ouvindo e aceitando o que lhes é dito, como é feito no ensino tradicional, mas aprendem fazendo, investigando e agindo em direção à aquisição dos conhecimentos, sendo sujeitos de suas aprendizagens.

Todavia, quanto à utilização das metodologias ativas têm-se percebido uma grande resistência por parte dos professores, seja pelo comodismo de manterem-se na maneira tradicional,

na medida em que, trabalhar por projetos ou quaisquer outras metodologias novas requerem um trabalho de construção e elaboração por parte do docente; ou até mesmo essa resistência possa estar ligada à frustração de experiências mal sucedidas, onde o professor acabou por perder o controle da turma, uma vez que, na dinâmica de ensino que se utiliza de metodologias ativas, os alunos não estariam mais sob o tradicional controle do professor: enfileirados e em silêncio, onde o professor é capaz de perceber quem faz o que, e quem não faz.

Dentre outras compreensões trazidas na reunião, finalizamos trazendo a da professora *Bruna* que disse procurar manter um contato dialogado com os alunos, e que via isso facilitar o seu trabalho e refletir, inclusive, na postura como os alunos se portavam em sala. *Bruna* citou também outro exemplo de sua prática: ao invés de impor as avaliações que seriam feitas, ela levava possibilidades de avaliações e os alunos que escolhiam quais seriam realizadas. Em algumas de suas falas, *Bruna* deixou claro que não se importava em ser questionada ou desafiada pelos alunos, que até achava bom que eles se posicionassem e estimulava o debate e as opiniões dos alunos frente às atividades que ela levava.

As pesquisas sobre ensino indicam que as atitudes e disposições dos professores influem na criação do clima de classe e no rendimento dos alunos. Os professores que, de modo geral, se mostram incentivadores, encorajadores, calorosos, tolerantes, educados e dedicados, confiantes, flexíveis e democratas parecem produzir muito mais efeitos favoráveis ao desempenho e ao bem-estar dos alunos. (GAUTHIER, 2013, p. 254)

Após realizadas as discussões e os relatos pelos professores, finalizamos a reunião retomando os principais pontos que foram destacados durante as suas falas, e, por fim, abordamos algumas questões quantitativas sobre o número de alunos que estavam abaixo da média, e, então, demos por encerrada a reunião.

4. CONCLUSÃO

Pudemos compreender que são várias as estratégias que os professores traçam na tentativa de “controlar a turma” com vistas à consecução da dinâmica do processo de ensino e aprendizagem. Percebemos nas falas dos professores e de alguns autores a importância de se terem regras estabelecidas na sala de aula, e destas serem comunicadas no início do ano letivo, mas percebemos também a significância da disciplina no processo de execução destas regras, para que sejam

realmente praticadas. Todavia, observamos também a importância de ser flexível às regras, mediante a interpretação das necessidades dos alunos e das situações, aprendendo, assim, a importância de se negociar com os alunos. Ainda compreendemos um pouco sobre a autoridade do professor, a disciplina necessária ao processo educativo e o relacionamento estabelecido entre professores e alunos. Por fim, visualizamos a dinâmica do conteúdo e o clima da classe como também facilitadores e determinantes na organização da ordem em sala de aula. Não haveria como esgotar todo o assunto neste artigo, nem foi a nossa pretensão. Apenas trouxemos algumas reflexões para que possamos avançar na melhoria do ensino, de nossas compreensões e de nossas práticas.

REFERÊNCIAS

DELIGNY, Fernand. **Graine de crapule**, Paris, Éditions du Scarabée, 1996.

GAUTHIER, Clermont. et al. **Por uma teoria da Pedagogia. Pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. Ijuí-RS: Editora INIJUI, 2013.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MEIRIEU, Philippe. **Carta a um jovem professor**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno: o que é como se faz**. Edições Loyola: São Paulo, 2011.

PERRENOUD, Philippe. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar**. Porto (Portugal): Porto Editora, 1995.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.